

TERRA

Semanário Anarquista

LIVRE

N.º 17-1.º ANO

Dirêtor: PINTO QUARTIM
Propriedade do grupo editor da
TERRA LIVRE

Publica-se ás 5.ªs feiras

Redação e administração
Rua das Gaveas, 55, 1.º

Editor: JAIME DE CASTRO

Comp. e Imp. nas OFICINAS GRÁFICAS
R. do Poço dos Negros, 81

PREÇO 20 RS.

Oh! a Republica!...

Desde 1834 não ha na historia deste país um periodo governativo de tanto arbitrio e despotismo como o que estamos atravessando. A audacia e pouco escrupulo dum governo, a ignorancia e apatia dum povo concorrem paralelamente para este estado de couzas.

Quasi três anos vão passados depois que o povo de Lisboa saudou com um hino jubiloso o advento da republica.

Menos verdadeiro seria afirmar que a republica não era então um novo mundo de esperanças para a maioria dos portugueses que sofria e pensava.

Quasi trez anos já lá vão!

Quantas iluzões desfeitas!

Quantos sonhos dissipados!

As batatas a vintem o quilo, o pão a pataco, o bacalhau a três vintens, tudo isso foram palavras adequadas para levantar o espirito revolucionario das multidões, e nada mais.

Os tribunos da republica sabiam bem que falar noutra linguagem que não fosse esta era motivo suficiente para deixar inerte a falanje enorme dos famintos, dos eternamente perseguidos.

Esperastes, proletarios, ver mais pão sobre a meza e em logar disso vistes encarecer a vida espantosamente e cercar-vos o trabalho, sentistes-vos onerados com novas contribuições e encargos.

Pedistes economia na administração publica e pasmastes de ver dar subsídios a deputados, duplicar os vencimentos dos altos funcionarios, emfim, criar novos empregos onde foram anichados pretensos heroes que não lobrigastes a vosso lado nos dias perigosos da revolução.

Sonhastes com a liberdade e encontrastes-vos presentemente sob o jugo da mais ferrea tirania, vendo constantemente apontado para o carcere o dedo do carrasco, mal esboçado um gesto de revolta.

Cada dia, cada minuto que decorre, vêdes esboroar, pedaço a pedaço, o sonho de felicidade que injenuamente haviestes arquitetado.

Quasi trez anos já lá vão! Quantas iluzões desfeitas! Quantos sonhos dissipados!

Se o povo, em especial o

proletariado, em vez de prestar ouvidos ás promessas mirabolantes dos tribunos, alongasse a vista alem fronteiras e se quedasse um momento a confrontar as republicas e monarchias ezistentes, veria, sem grande e demorado esforço, que entre umas e outras ha apenas a diferença do nome.

Morrer de fome na Italia ou nos Estados-Unidos da America é sempre morrer de fome. Na França como na Alemanha ha todos os anos alguns milhares de seres humanos que vão ocupar os braços em terras lonjinquas.

Apontar, pois, diferenças essenciais entre republica e monarchia é um erro ou um sofisma que só a imbecis e cégos póde convencer.

E esse erro ou sofisma são tanto mais evidentes quando descemos da questão economica á questão moral, isto é, ao usufruto das regalias individuais e coletivas.

Vejamos neste capitulo o que nos deu a revolução de outubro:

Liberdade de associação!

Hoje como dantes vigora a lei de 9 de maio de 91 que não só não foi reformada num sentido mais liberal, como até deixou de ser respeitada tal como está confeccionada. Pretender hoje fundar uma associação operaria é motivo suficiente para ser-se arrastado aos tribunais marciais.

Liberdade de reunião! Continua vigorando a lei de 26 de junho de 93, da autoria de João Franco, com a agravante de ser calcada a cada passo quando não são os afeiçoados do poder os que dela pretendem fazer uso. Realizar uma conferencia num centro operario eis outro motivo para ser-se levado ao tribunal militar.

Liberdade de imprensa! Liberdade de pensamento! Não falemos nisso. Se mais lonje fôr a nossa vida devemos ocultar que vivemos pensando neste periodo nefasto de despotismo, sob pena dos vindouros nos qualificarem de impostores.

Homens livres de preconceitos, homens de coração, amantes da justiça e da liberdade! —Narraí, passados anos, que após seis mezes de vijencia re-

publicana se cometeram os primeiros assassinios em Setubal, que não foram senão o prologo de subsecuentes morticínios mais vastos e mais perfidos; dizei que se pejavam os carcereiros com os proletarios que tinham a coragem de manifestar o seu pensamento, sem outra culpa ou qualquer forma de processo; clamai que se suprimiam os jornais e se encerravam os centros operarios com a sem-cerimonia que estamos vendo, e nossos descendentes vos cuspirão na face o epiteto de cobardes, acarretar-vos-ão a culpa de terdes contribuido para o regresso dum povo aos tetricos tempos dos Caligulas e Tiberio e isto em nome duma fementida liberdade.

Qualificar-vos-ão de irmãos dejennerados de Buiça e Costa, deficados outrora pelos despotas de hoje, porque, com sacrificio da propria vida, abateram o tirano coroado que esmagava o pensamento de cinco milhões de almas.

Republicas! Monarquias! Vejamos: Por detraz destes nomes está o Estado, entidade devorista e hedionda que faz todos os dias as suas dijestões com o nosso suor, as nossas lagrimas, o nosso sangue.

E' monarchico autocrata, tem a Siberia e o *pnout* para abafar a voz dos pensadores. E' monarchico constitucional, tem Montjuich para produzir torturas e fabricar cadaveres. E' republicano, tem a ilha das Cobras, a Terra do Fogo, Biribi. A Suissa, que nos apontam como o modelo das republicas, espulsa todos os anos do seu solo dezenas de anarquistas isto é, homens que se tornam perigosos porque querem a humanidade redimida, homens que teem o peito aberto a todas as ideias nobres e generosas, que fazem sua a dôr alheia, que juntam as suas lagrimas ás lagrimas de todos os infelizes da Terra.

Republicas! Monarquias! Uma só tirania com dois nomes.

Nicolau II, o autocrata de todas as Russias, mandando metralhar os pobres *mujichs* nas ruas de S. Petersburgo nada mais faz que imitar o gesto de Thiers, o presidente da Republica Franceza, ordenando o fuzilamento dos 35:000 vencidos, de encontro aos muros do cemiterio do Père-Lachaise.

A Espanha de Afonso XIII trespassa o coração de Ferrer, como a França de Falières deceparia a cabeça de Durand se o protesto operario não detivesse a tempo o braço de Deibler.

Republicas! Monarquias!

Burlas! Mentiras! Sofismas!

O reconhecimento amplo das liberdades individuais e coletivas eis o que melhor define uma democracia.

Encontrareis nos dominios de Jorge V uma democracia, e de balde a procurareis nos territorios que reconhecem a chefia de Mr. Poincaré.

E' a consciencia coletiva que faz as republicas e monarchias de facto, zombando muitas vezes das formulas politicas com que se adorna o Estado.

Homens livres de preconceitos, homens de coração que amais a justiça e a liberdade!

—Que lucrastes com a implantação da Republica pela qual arriscastes a vida e a situação?

Ha mais pão? Mais justiça? Mais liberdade?

Não! Evidentemente ha mais tirania, mais miseria. A Republica está por fazer posto que onde julgastes encontra-la, apenas achastes a ambição e o odio. A republica, povo, lateja todos os momentos no recondito de teu peito. Rasga corajosamente o arcaboço e deixa que ela triunfe.

DO NATURAL

A noite estava fria. E os dois tristes deserdados,—um pequenito e uma rapariguinha—vestindo uns lujos farrapos, descalços, tiritantes, lá iam na sua dolorosa peregrinação...

O pequenito implorava:

—«Meu bom senhor: dê-me uma esmolinha! A minha mãe está doente e o meu pai está preso...»

E a pequenita, duma magreza afilada de doente, repetia, numa vozita que mal se ouvia, nublado o olhar duma profunda tristesa:

—«Meu bom senhor: dê-me uma esmolinha! A minha mãe está doente e o meu pai está preso...» E aqueles a quem se dirijiam, olhavam-nos aborrecidamente, não lhes davam coisa alguma, nem sequer lhes respondiam...

Senhoras finas, deixando após si um rasto perturbante de perfumes fortes, retorquiam-lhes, enfadadas, com um sêco—*não póde ser*.

E comentavam:

—«Que maçada! Não se pode andar na rua... E' isto... Não nos largam... Costumam-se á pedincha e, depois, não querem outra coisa...»

E empurrados, pisados, entre o vae-vem tumultuoso dos passeios, sobre os quais escorria a luz alegre das montras recheadas de veludos finos e sedas magnificas, de manjares deliciosos e bebidas raras, os desgraçaditos lá iam, psalmodeando sempre na sua vósita apagada e triste:

—«Meu bom senhor: dê-me uma esmolinha! A minha mãe está doente e o meu pai está preso. . .»

—Porque está o teu pai preso? perguntei de subito ao pequenino.

Ele olhou-me longamente, como que duvidando da sinceridade do meu interesse. Depois, baixando o olhar humedecido, como num suspiro:

—Por andar á esmola. Não tinha trabalho. . .»

JOSÉ BACEJAR.

Factos e comentarios

Amabilidades afonsinas.

O encerramento da Casa Sindical e a sua próxima dissolução fôram dos assuntos mais interessantes da sessão da câmara dos deputados na segunda feira passada. O sr. presidente do ministério, que nunca perde a serenidade—como êle afirmou bem alto quando se tratou da apreensão de jornais—fêz um corréttimo e graciôso discurso a respeito do comício da Rotunda, dos socialistas, sindicalistas e anarquistas. Muito interessante! Depois de elojiosas referências prodigamente distribuidas, e de encantadoras e cativantes promessas para todos nós, disse que a Casa Sindical iria sêr dissolvida, pois não tinha as necessarias condições de hygiene, comodidade e luxo para albergar tão bôa gente, gente tão da sua estima e consideração. . .

Muito terá a agradecer-lhe o operariado, que não se humilha, que não rasteja; o operariado que vai tomando conta de si próprio, que se torna consciente, que pretende emancipar-se e viver! . . . Muito terá a agradecer-lhe! . . . Quanto a nós. . . não sabemos como manifestar o eterno reconhecimento, a infinita gratidão que nos vai nalmã por tantas e tamanhas amabilidades. . . que, valha a verdade, não merecemos. . .

As organizações sindicalistas.

Estando fechada a Casa Sindical e não saindo *O Sindicalista* com a costumada regularidade, *Terra Livre* abre as suas colunas francamente ás associações de classe e aos operários que individualmente se quizessem dirigir áquêle nosso querido colega, para formular quaisquer reclamações ou protestos.

Simplemente tudo o que escreverem será sujeito á nossa atenta leitura e sofrerá as modificações que as normas deste jornal por ventura indiquem.

Relistando

A respeito da questão das rendas, escrevia *A Patria*, órgão officioso do governo:

«Se, em Lisboa, as 30 ou 40 mil famílias que vivem em casas de aluguel se recusassem ao pagamento das rendas, guardando as importancias destas para as despesas dos pleitos, com as 6 varas civeis, unicas que, nos termos da Constituição, podiam funcionar, seria necessario, pelo menos, um ano para efêtuar os despejos requeridos pelos senhorios. Na maior parte dos aposentos alugados, as mobílias vendidas em almôeda, por efeito das ezeções, escassamente chegariam para as custas dos processos, independentemente das despesas com advogado e solicitador. Determinaria, por isso, a capitulação dos senhorios um movimento fortemente organizado, que abranjesse a quasi totalidade dos inquilinos, opondo-se, enerjicamente, á exploração gananciosa ou monarchica, ou uma coisa e outra, de proprietarios abastados.»

A calúnia.

Afirmou ha tempos o sr. Afonso Costa, em pleno parlamento, que andavam em Evora dois sindicalistas distribuindo. . . manifestos monarchicos! Ora está averiguado que êsses sindi-

calistas são. . . dois vendedores de canções e de folhetos de *cordel*, que nunca estiveram filiados em qualquer associação de classe. Não traziam tais manifestos, mas apenas uma coisa epigraphada de *História do rei D. Manuel* que, segundo dizem, para aí corre livremente.

Está, pois, desfeita a governamental calúnia—de que toda a imprensa burguesa se tornou eco fidelissimo. . .

A imprudência com que estes bons senhores da República pretendem enlamear os que trabalham e lutam!

A lepra. . .

Na mesma já celebre e historica sessão de S. Bento, de segunda feira proxima passada,—celebre e historica pelas dulcissimas palavras do Brilhante Estadista a respeito do comício da Rotunda—foi apresentado pelo «biológico» ministro do interior um não menos «biológico» projeto de lei para a mais severa repressão da «lepra neo-maltusiana».

E' ele do seguinte teor:

Artigo 1.º—Aquele que verbalmente ou por qualquer meio grafico fizer propaganda de idéias e de processos tendentes a evitar ou limitar a procriação humana e bem assim o que anunciar, espuzar á venda, vender ou ministrar substancias ou preparados quimicos e farmaceuticos e objetos destinados a impedir a concepção será condemnado na pena de multa de 20 a 100 escudos, e, em caso de reincidencia, acrescerá a esta multa a pena de prisão correccional de dois mezes a dois anos.

§ 1.º—As publicações, objetos, substancias e preparados a que se refere o artigo 1.º serão apreendidos, onde quer que se encontrem e destruidos por ordem do juiz ezarada na sentença, ou em despacho no corpo de delicto, quando se desconheça o arguido, mas se reconheça a criminalidade do facto.

§ 2.º—Quando este crime seja cometido por meio de publicação periodica serão considerados autores, successivamente, os individuos a que se refere o artigo 21.º do decreto de 28 de outubro de 1910 e para a applicação da pena seguir-se-á o processo criminal comum.

Que estupidos e ignorantes são os senhores governantes! O que vale é que os propagandistas do neo-maltusianismo estão-se rentando para este e outros identicos projetos.

E' que, positivamente, não estão dispostos a aturar todas as imbecilidades dos leijiferadores.

Nós, pelo menos, não estamos. E hãvemos de mostra-lo.

E. . . viva a liberdade!

Fôram capturados ha meses, em Évora, Fernando Simões, Diogo Bernardes, José Cebôla, Antonio Joaquim da Silva e Francisco José Chagas: dois em Redondo, onde tinham ido tomar parte numa sessão de simples propaganda associativa e três em Portel, onde tencionavam falar num comício público, convocado para se reclamar ao governo a concessão duma amnistia aos camaradas presos por motivos de propaganda.

Encarcerados no Limoeiro e, como já tivessem decorrido os oito dias da lei, requereram os presos ao dirêtor da policia de investigação criminal para sêrem postos em liberdade. Resposta: que enviassem esse requerimento ás autoridades das terras onde haviam sido detidos. Ali, porém, de nada sabiam, visto que a sua prisão fôra ordenada pelo comandante da policia. Não havia, pois, meio de têr seguimento legal o requerimento apresentado pelos cinco prêsos. Assim, lá continuam tôdos no Limoeiro e continuarão, provavelmente, até apodrecer. . .

E viva. . . a liberdade!

O comício de Lisboa.

Quasi toda a imprensa da provincia, occupando-se do comício de domingo, diz que «alguns elementos dos parti-

dos mais avançados pretendêram alterar a ordem dos trabalhos, ocasionando varios tumultos.»

Nós, que estivemos lá, não demos por tal. Mas a nossa bôa imprensa burguesa é assim: mente sempre que lhe convém, com o maior descaramento.

Explicação necessária.

No trabalho de A. Girard, *Anarquia, sua definição etimológica*, traduzido no nosso número passado, citámos como publicando-se atualmente, em Portugal, os jornais *A Anarquia*, *Aurora*, *Revolta*, *Germinar*, *O Libertário* e *Terra Livre*. Estes são, com efeito os jornais anarquistas que hõje existem em Portugal; no entanto, no dicionário *La Châtre*, donde traduzimos o artigo, os jornais citadas por Girard, são: *Despertar* e *A Obra*, únicos que efêtivamente se publicavam quando Girard escreveu aquêle trabalho.

O cumulo da prepotencia

Na cadeia do Limoeiro

Continuam presos, sem julgamento, os camaradas Carlos Rates e Antonio Henriques.

Continuam presos, sem responder, na cadeia do Limoeiro, o nosso inteligente e presado camarada de redação Carlos Rates e Antonio Henriques ávido defensor das classes trabalhadoras, apesar de ha muito se terem passado os oito dias prescritos pela lei.

Isto representa o cumulo dos abusos, o cumulo da prepotencia!

Dizia-se que Carlos Rates e Antonio Henriques haviam sido presos por fazerem propaganda subversiva. Nada mais falso. A prova está no seguinte trecho da carta dirigida ao *Mundo*, em 7 do mês passado, pelo nosso camarada Manuel Ribeiro:

«Em 19 do mês findo reuniaram na Casa Sindical cerca de 30 individuos, dos que mais responsabilidades tem na organização operaria, para deliberarem principalmente sobre a questão da greve dos rurais votada no congresso federal, de Evora. Tendo chegado ao nosso conhecimento, por informações seguras, que se preparava para breve em Lisboa um movimento politico insurreccional, e de harmonia com os principios que defendemos e que interdizem á organização sindical o envolver-se em movimentos politicos—individualmente tambem cada um de nós era contrario a qualquer sublevação, rejiste-se, não por medo, mas por ser verdade, pois não nos convém a queda da Republica, resolvemos nessa noite de 19, «por unanimidade e sob proposta do militante Carlos Rates», não só desistir da greve geral em Lisboa de solidariedade aos rurais, como tambem fazer constar á Federação de Evora a inoportunidade e o perigo da greve rural que de modo algum convinha fazer

concordar com a insurreição em perspectiva, que certamente do nosso movimento havia de aproveitar-se E estamos autorizados a dizer que em Evora se pensava da mesma maneira».

Mas, pelo visto, este *czaresco* governo está disposto a prolongar indefinidamente a injusta prisão dos nossos queridos camaradas.

Agora, porem, pretendem fazel-os passar por. . . **vadios!** E' o cumulo da infamia! Carlos Rates, pouco antes de ser preso, era o escriptorario da Federação dos Trabalhadores Rurais de Evora estando tambem encarregado de redijir o *Trabalhador Rural*, propriedade daquela Federação, e, como tal, recebia ordenado pago pela mesma Federação; e quando foi preso tinha a seu cargo, no *Intransigente*, de Lisboa, a secção *Vida Operaria*, pelo que recebia o ordenado mensal de 15:000 réis. Não era, pois, um vadio, como agora infamemente pretendem, mas, sim, um ativo e honrado operario que do seu trabalho e só do seu trabalho vivia.

O outro, Antonio Henriques é ourives. Havia, é certo, um certo tempo que não trabalhava assiduamente pela sua profissão mas não porque não quizesse, mas porque não podia. Porque? Em primeiro logar a crise tem-se acentuado nessa industria; em, segundo logar os patrões tem posto á marjem os elementos que se evidenciam na organização operaria e era o que estava succedendo com Antonio Henriques que apesar de tudo trabalhava em *ganchos* que lhe dispensavam camaradas mais atarefados, e alguns dias que um patrão mais humano lh'o facultava na impossibilidade de lh'o dar sempre.

O governo julga-se em país conquistado e nada, nem conselhos nem protestos, o fazem deter no seu caminho de imoralidade e de violencia.

Nunca o odioso João Franco, que nos lembremos, chegou a tais excessos de despotismo.

Isto é de mais. Isto não pode, não deve prevalecer por mais tempo. Portugal está transformado numa enorme e pavorosa Bastilha em que asficsiam cerca de seis milhões de homens. A liberdade, entre nós, é, mais do que nunca, um autentico mito, uma palavra absolutamente vasia de sentido. Se milhares de factos o não comprovassem com toda a sua triste eloquencia, bastaria, para o efeito, a injusta, a arbitraria, a revoltante prisão daqueles dois nesses estremecidos amigos e dedicados companheiros de luta.

Sim. Isto é de mais. A paciencia, senhores do governo, tambem tem limites. . .

Não se admirem, pois,—se o povo a perder um dia.

Operários do Estado

Em vez de trabalho, pranchadas...

Centenas de esfomeados passeiam a sua miséria pelas ruas de Lisboa. — São cobarde e ferozmente agredidos pela policia e pela guarda republicana em diversos pontos da capital.

O que se passou, nestes ultimos dias, com os operarios das obras do Estado, reduzidos, por alto favor, ao irrisorio salario de quatro dias de trabalho por semana, ultrapassando tudo quanto ha de mais infame e de vergonhoso para as novas intuições.

Decididamente, o atual governo está resolvido a adotar, contra os que trabalham, contra os que protestam, contra os que pensam, todos os odiosos processos contra os mesmos empregados na Russia, de eze-cravel recordação.

Os factos ha dias desenrolados no Terreiro do Paço são do que avançamos um inequívoco e esmagador testemunho.

Que pediam todos aqueles que lá se encontravam, na mais ordeira, na mais pacifica das atitudes? Mais um pouco de pão para si e para os seus. Comtudo, o que se viu? Um bando de canibais, — policias e guardas republicanos — cair de subito, sem mais *tir-te nem guar-te*, cobardemente, de espadas e terçados em punho, com uma furia tigrina, animados pelo exemplo dum caser-neiro feroz — sobre todos esses indefezos miseraveis, acutilando-os a torto e a direito, sem olhar a novos nem a velhos, num louco desvario de consumados e repugnantes assassinos!

Assim se respondeu, por esta forma infame, a quem, urbanamente, sem um grito, sem um gesto que podesse molestar a *ordem*, solicitava do governo o indispensavel para não morrer absolutamente de fome. Ah! Como vão lonje os tempos lindos da propaganda republicana! Como tão cedo os homens da Republica se esqueceram das suas risenhas promessas! Mas essas inauditas violencias não ficaram por aqui como se sabe. Reproduziram-se, mais tarde, na rua da Prata, etc, sendo os pobres operarios vitimas de verdadeiras selvajarias por parte dos bestificados e repulsivos mantenedores do Capital e do Poder.

Delas forneceu ao publico um longo e eloquente relato a propria imprensa burgueza. Por isso nos dispensamos de as reproduzir em todos os seus pormenores. Basta-nos, cremos, o rejisto do facto — para que todos o meditemos como merece...

EM SINES

Apreensão das "Georjicas"

As autoridades tentam prender o nosso agente naquela vila — Um grupo de camaradas impedido de esta nova violencia

Portugal, decididamente, está transformado numa pequenina Rússia. O sr. Afonso Costa armou em Czar, esforçando-se os seus agentes, tanto quanto possível, com as mais revoltantes arbitrariedades, que se tornassem dignas da sua confiança e aplauso. Mais um facto, entre muitos outros, assim o veiu demonstrar. Trata-se do caso passado com o nosso agente em Sines, e ao qual nos referimos, em breves palavras, no ultimo numero da *Terra Livre*.

Conforme prometemos, dar-lhe-emos a latitude que merece. O leitor apreciará se temos ou não temos razão para nos considerarmos num país enfeudado ao mais impudente despotismo.

Vamos aos factos:

Fêz-nos, ha pouco, o nosso camarada José dos Santos Junior, nosso agente em Sines, um pedido de alguns exemplares das *Georjicas*, de Neno Vasco, e, satisfeito que ele foi, procurou esse camarada distribuí-los entre os seus míseros companheiros de trabalho. São as *Georjicas*, como todos sabem, uma publicação absolutamente inofensiva. Mas as autoridades locais, na sua infinita estupidez e na ancia de mostrarem o seu apoio pelas *liberais* instituições vijentes, é que assim o não compreendêram. E que assim o não compreendêram em breve o comprovaram, apreendendo um dos folhetos que viram nas mãos dum operário, e chamando á sua presença, arrogantemente, aquêlê nosso estimado camarada. Depois dum insultuoso interrogatório, a que Junior respondeu, naturalmente, com a devida altivês, os ridiculos e odientos esbirros, entre os quais se encontrava um empregado militarão — o comandante da força local — entenderam por bem que tão *horrendo crime* só podia sêr espiado entre os ferros duma cadeia. Mas não tiveram êsse gôsto.

Quando se dispunham a conduzir Santos Junior para a cadeia de S. Tiago do Cacém, um grupo de dedicados camaradas appareceu-lhes pela frente, opondo-se inercial e terminantemente á consumação da descabida violencia. As fêras, então, amedrontaram-se, encolhêram as gárras — e concedêram a liberdade ao preso sôb a condição dêste se apresentar no dia seguinte a responder novamente perante o administrador do respetivo concelho. Lá foi o nosso camarada, efêtivamente, porque quem não deve não teme, e, depois de pergun-

tas várias, acabaram por mandá-lo embora, dizendo-lhe que lá seria chamado mais tarde para novas declarações.

E assim andou o nosso camarada, durante dois dias, á mercê dos czarescos caprichos da autoridade, com manifesto prejuízo dos seus interesses como trabalhador, do qual, é claro, ninguém o indemniza.

Em S. Tiago do Cacem

Associações encerradas

A Guarda Republicana em ação — Prisões sobre prisões — Em pleno despotismo

E' simplesmente revoltante o que se está passando em S. Tiago do Cacem. O respetivo administrador julga-se em paiz conquistado, praticando, dia a dia, por assim dizer, as mais indignas prepotencias; as mais revoltantes arbitrariedades, de que o povo trabalhador é vitima obrigada.

Estão, por sua ordem, encerradas as associações operarias, prendendo-se a esmo indefezos trabalhadores. Só de Santo André veiu uma leva de 49 presos, entre baionetas caladas. Alguns já teem sido postos em liberdade, mas ainda se encontram entre ferros mais de 80 infelizes companheiros. Alguns republicanos historicos, só pelo facto de haverem altiva e honestamente censurado a conduta das autoridades, também foram presos.

Para não sofrerem igual sorte — ou não serem mortos — alguns presidentes e secretarios das associações resolveram fugir do concelho. A Guarda Republicana, ali destacada, tem cometido as maiores tropelias e violencias. Ferve a pranchada ao mais ligeiro protesto das suas vitimas. Ainda no correio se ezerce, desvergonhadamente, a maior vijilancia sobre a correspondencia chegando-se ao desaforo, segundo parece, de se violarem todas as cartas suspeitas.

Além dos trabalhadores furaes, estão presos comerciantes, operarios e até o professor da Escola Liberal, apesar destes se encontrarem filiados no grupo democratico.

Quando os presos foram levados para a cadeia — dizem-nos — o comandante da força que os escoltava embebia a espada nas piteiras do caminho, dizendo-lhes que o mesmo lhes havia de fazer e alcinhando-os de *vadios* e de *malandros*!

Com franqueza: estamos ou não estamos numa pequenina Russia?

Como se desmascararam tão cedo os *bons* e *generosos* senhores da Republica!

Continuará isto, por muito

tempo? Ainda não será occasião de dizer: — *basta*?!

Eis o que perguntamos a todos os camaradas, eis o que perguntamos a todo o povo trabalhador...

NO ALGARVE

Buscas domiciliarias

Não é só aqui, em Lisboa, que se ezercem perseguições contra os elementos avançados. Em todo o país estão sendo sacrificados os mais sinceros trabalhadores, os nossos mais modestos companheiros, por virem propagando na medida das suas forças sem violencias, sem imposições de especie alguma, o credo social que esta folha preconiza.

No Algarvê, nessa linda provincia onde Buisel foi tão acintosamente perseguido, estão as autoridades injustificadamente procedendo a diversas buscas domiciliarias.

Em Messines e Loulé, foram assaltadas as residencias de dois camaradas nossos pelo respetivo administrador do concelho acompanhado de alguns policias que, depois de revolverem tudo, concluíram em que nada havia de suspeito ou digno de apreensão.

Deu causa a estas buscas uma carta anonima, enviada por mão criminosa á autoridade que, sem mais averiguações, só porque os nossos camaradas defendem teorias avançadas, procedeu á busca para assim satisfazer o odio tigrino que contra eles alimenta.

Os camaradas atinjidos pela perseguição das autoridades algarvias, são, em Messines, o nosso camarada Antonio Florencio, e em Loulé Manuel Miguel, ambos ferro-viarios.

Tambem, por perseguição, foi transferido de Reprezas para Pereiras o nosso camarada Miguel Correia.

A exploração capitalista

A miseria em Serpa

Reina a mais punjênte miseria entre os trabalhadores de Serpa, principalmente entre o proletariado rural.

Querem trabalhar e não teem em que empregar os seus braços.

Os senhores capitalistas, entretanto, gosam regaladamente o produto da sua exploração infame.

Estão cheios de oiro, e, portanto, pouco lhes importa que os seus escravos, por excesso de produção, morram de fome.

Ha desgraçados que, durante quinze e vinte dias, não conseguem ganhar cinco réis, tendo numerosa familia a sustentar.

Um verdadeiro horror!

Uma infamia assombrosa

Carlos Rates e Antonio Henriques estão presos como vadios!...

Ao despotismo do governo seguem-se as tramóias judiciais para que a infamia seja completa.—A investigação no processo destes nossos camaradas e onde pode levar a lojica...—Façamos a campanha!

Já aqui dissemos que Carlos Rates e Antonio Henriques foram presos no Funchal, no fim do mês de abril, acusados de fazerem... propaganda subversiva. Só tarde o soubemos. Acresce, porém, que não é esta a única acusação que lhes é feita desde o principio.

Como não bastasse a infamia da acusação que primeiro conhecemos e que carece em absoluto das mais insignificantes bases, os seus perseguidores quiseram cumula-la com a de — vadios.

Andou bem o governo. Anda bem a «justiça», agora, auciliando-o *nobremente* nas suas perseguições inqualificáveis, na sua formidável sementeira de odios.

*
Carlos Rates e Antonio Henriques foram presos no Funchal por vadios e por fazerem propaganda subversiva. Vadiagem no Funchal e propaganda subversiva no Funchal. Como os crimes — tendo-se dado, tendo bases a acusação — tinham sido praticados no Funchal e como nada haja disposto neste caso acerca da vinda dos presos para Lisboa, pois lá é que seriam julgados, estranhei que continuassem a mante-los ali, no Limoeiro. Estranhei. Mas, como os dias passavam sobre os dias, fui-me habituando á ideia de que —

sem saber como nem porquê — os nossos camaradas viriam a ser julgados em Lisboa.

Foi correndo o tempo e não sofreram eles o menor interrogatorio. Em face disto, e como já tivessem passado muito mais de oito dias, fizeram os *grandes criminosos* os seus requerimentos para serem postos em liberdade visto não se lhes ter formado ainda a culpa.

Procurei, então, o juiz director da policia de investigação que disse não poder receber os requerimentos. Estes deviam ser dirigidos para o Funchal onde os crimes tinham tido lugar e onde os reus haviam de ser julgados.

Assim devia ser, com efeito. Mas, se assim era, qual o motivo porque os nossos camaradas ali continuavam no Limoeiro, a esta consideravel distancia de quem havia de interrogar-los e julga-los? Inigma!

Passaram mais uns dias; e, com espanto meu e de muita outra gente, o processo é enviado, pelo mesmo juiz director da policia de investigação, para a Boa-Hora. Sim, para a Boa-Hora, para aí seguir os seus termos e aí ser feito o julgamento!

Como não percebi o motivo desta atitude, a causa desta decisão do juiz — nem podia perceber em face do que ele me havia dito quando o procu-



Igualdade

rei! — volto a avistar-me com ele. Mostro-lhe a minha estranheza. Como?! Então os homens não *podiam* ser julgados em Lisboa, *tinham* que ser julgados no Funchal, para lá é que os requerimentos *deviam* ser enviados e agora aparecia o processo na Boa-Hora!?

A' minha estranheza responde o director da policia de investigação com a maior naturalidade: E' verdade. Vadiagem e propaganda subversiva no Funchal, é certo. Mas os reus tambem cá eram vadios e tambem cá eram temiveis agitadores... Portanto, *podiam* ser julgados em Lisboa... E ele, procedendo assim, só teve em vista beneficia-los, evitar que fossem para lonje, para sitios onde a defeza se lhes dificultaria certamente.

Ora se este juiz, apesar de considerar os nossos camaradas como vadios e agitadores perigosos, tanto se preocupa com a sua sorte, tanto os deseja beneficiar que salta por cima da lei para lhes dar o julgamento em Lisboa, porque não aceitou os requerimentos alguns dias antes? Inigma.

Conversei ainda com o juiz. *Mas eram vadios cá em Lisboa?* — pergunto admirado.

Responde-me que sim. A investigação a que se procedeu deu esse resultado. Soubese que Antonio Henriques tinha sido ourives numa determinada casa e que deixou de lá trabalhar ha oito meses; e que Carlos Rates deixou de trabalhar como carpinteiro ha varios meses tambem.

Logo... vadios!

*
E' uma coisa que se não harmonisa: o desejo que o juiz di-

retor da policia de investigação tem ou diz ter de beneficiar os nossos camaradas e a facilidade com que se dá por satisfeito relativamente á investigação feita sobre a vadiagem... Não é verdade?

Raciocinemos, façamos um grande esforço cerebral para ver se resolvemos este complicado problema.

Antonio Henriques deixou de trabalhar como ourives em determinada oficina. Carlos Rates deixou de trabalhar como carpinteiro onde trabalhou ha alguns meses. Logo... vadios.

Mas terão casa? Trabalharão como carpinteiro e ourives com outros patrões? Terão mudado de profissão? Serão tipografos, sapateiros, metalurjicos? Empregar-se-iam em algum jornal como reporters ou redatores?

Que importa? A investigação fez-se. A investigação deu que ha tantos mezes um deixou de trabalhar como carpinteiro e outro como ourives em determinados logares. Nada mais é necessario. A conclusão é segura: são vadios...

E' assim que a «justiça» colabora com o despotico governo que pretende calcar-nos, aniquilar-nos. E' assim, perseguindo e insultando homens honestos, que ela o aucilia na sua formidável sementeira de odios.

...Sementeira que ha de produzir messes bem fartas...

*
Já vocês repararam, não é verdade? a que coisas curiosas nos pode levar a lojica com estes processos de investigação... Por exemplo: o director da policia de investigação deixa de o ser. Passado tempo procura-se conhecer a vida de



Liberdade

S. Ex.^a, saber o que faz, em que se emprega, por causa duma acusação que sobre ele pesa. Vai-se á policia. Está cá o sr. dr. Alfeu Cruz? Resposta: Não senhor. Já ha seis meses que deixou de ser diretor da policia de investigação.

—Ah! sim? Então já se sabe tudo: é vadio.

Outro ezemplo: O sr. dr. Afonso Costa, depois duma crise ministerial, abandona o governo. Mês depois *investiga-se*. Vai-se ao ministerio procura-lo. Resposta dum continuô: *O cidadão anda atrazado! Esse governo já caiu ha muito. O dr. Afonso Costa já não faz parte do ministerio. Agora é...*

—E' vadio, já sabemos!

Mas o sr. Antonio José d'Almeida, que não quer ficar-lhe atraz, abandona uns dias o parlamento e o seu consultorio de medico e vai para o norte em propaganda do seu partido. Nesse meio tempo dirige-se a gente ao parlamento e ao consultorio e verifica que está ausente.

Logo... vadio e agitador temível...

E, apoiados na lojica, seguiriamos com ezemplos indefinidamente; era um nunca acabar de situações curiosas.

Mas nós não estamos aqui para nos rirmos, embora a isso *eles* nos obriguem.

O caso demanda a nossa atenção e o nosso esforço. Na Boa Hora não querem o processo pois não são competentes para julgarem os nossos camaradas visto os delitos terem sido—segundo a acusação—praticados no Funchal.

Sendo assim, o processo irá para lá e os nossos camaradas com ele.

Quando se resolverá depois o caso, áquela distancia, sem a nossa fiscalização e não tendo *eles* empenho nenhum em os julgarem, pela embaraçosa situação que criaram, pela impossibilidade de provarem as infamissimas acusações forjadas?

Quem sabe lá...

Urje, portanto, levantar uma cerrada, vasta e inerjica campanha em favor da sua libertação, bem como da dos muitos outros camaradas presos. Mãos á obra e que ninguem falte nem sucumba!

Se *quizermos*, a vitória será certa. E essa nos animará para novas lutas!

Sobral de Campos.

As nossas gravuras.

As gravuras *Liberdade, Igualdade e Fraternidade*, que vêem publicadas no presente número, são reprodução de 3 postais duma série interessantissima que o semanário humorístico e de caricaturas *A Lanterna* acaba de publicar. Cada postal custa 10 réis, apenas.

A nossa administração pôde servir de intermediária entre os leitores que quizerem comprar e os seus editôres.

Bibliografia anarquista portuguesa

A esposição de todas as publicações libertarias editadas em português,

promovida pela
Terra Livre,
está despertando
o maior interesse

Livros e folhetos originais ou traduções; jornais, revistas e manifestos publicados livre ou clandestinamente; bilhetes postais, estampas, desenhos, hinos e canções, cartazes, programas, reclames, tudo se aceita por emprestimo e se agradece.

De todos os camaradas de Portugal e Brasil e de todos que possuam elementos interessantes que possam figurar nesta esposição, esperamos que cooperem nesta nossa iniciativa.

Tudo quanto a este assunto se refira, derijir a Afonso Manaças — Rua das Gaveas, 55, 1.º — Lisboa.

Que a iniciativa tomada pela *Terra Livre*, de levar a efeito uma esposição bibliografica anarquista, ha-de ser um facto, prova-o a simpatia com que foi recebida tal idea. Bastantes camaradas de luta e mesmo simpatisantes sómente pelas ideas anarquistas veem nessa esposição um belo ato de propaganda e mais do que isso, a afirmação, sobretudo impor-

se afirma e que tem de lutar contra a inercia de movimento que caracteriza a epoca em que essa ideia aparece. Mas hoje as nossas ideias afirmam-se bem altamente como uma tentativa de filosofia que baseando-se nas ciencias experimentais conduz a uma nova forma de relações humanas, onde não impere a terrível luta de interesses que até hoje se tem ma-

mos sentir de todo infelizes porque alguma coisa se tem feito para a propaganda.

Terra Livre tem, pois, esperança que a sua iniciativa seja coroada de ezito, para que assim haja a confirmação bem publica do que acima dizemos.

Continuamos pois a lembrar que todos os que possuam quaisquer documentos que possam e devam figurar na nossa esposição, os enviem ao nosso camarada Afonso Manaças para a nossa redação.

Aos camaradas do Brasil fazemos igual pedido, pois que, dada a expansão das edições portuguesas no Brasil, poderá entre elles haver alguns documentos capazes de nos auxiliarem.

Recomendamos que tudo que nos seja enviado, venha rejistado para evitar estravios de correio.

Começamos hoje a dar a nota de tudo quanto temos recebido para a esposição bibliografica anarquista. Como todos os nossos cooperadores compreendem, esta lista, embora um tanto massadora na apparencia, deve contribuir para nos evitar um grande trabalho no futuro.

Por ela verão os nossos amigos e camaradas se os documentos que nos desejam enviar se encontram já em nosso poder ou não, evitando assim repetições que nos veem dificultar o nosso trabalho de catalogação e fazer perder tempo.

E' claro que não devem deixar de confrontar muito bem os ezemplares que nos queiram mandar com a nossa lista no que diz respeito á edição, á terra de publicação, ao grupo editor etc., visto que de muitas obras se têm feito muitas edições e nós entendemos que cada edição deve figurar na esposição, atestando assim a intensidade do nosso movimento.

De Sá Viana:

A responsabilidade e a Solidariedade na luta operaria, Netlau, da Brochura Social, Lx.^a, 1913. — *O rei e o anarquista*, Libertas, do grupo Luz, Lx.^a 1906. — *A moral anarquista*, Krop. da Biblioteca Sociologica, Coimbra 1901. — *Patria e Internacionalismo*, Hamon, do grupo Humanidade Livre, Lx.^a 1900. — *O que querem os anarquistas*, (Entre Camponezes) Malatesta, da bibliot. de Estudos Sociais de Dias da Silva; 2.^a edição, Lx.^a 1910. — *Bases do Sindicalismo*, E. Pouget, da bibliot. de Estudos Sociais, Porto 1910. — *A guerra não findará?* Cesar Porto, Lx.^a 1902. — O



Fraternidade

tante nesta epoca que atravessamos de tantos odios e más vontades que para conosco se mantem, a afirmação, dizimos, de que a propaganda anarquista em Portugal se tem feito de longa data e com alguma intensidade. Os folhetos e os livros originais ou traduzidos, os jornais, os manifestos e muitos outros meios escritos de propaganda são em grande numero.

Todos eles ezerceram a sua influencia para que as ideias anarquistas fossem discutidas e estudadas pelos seus adversarios que nelas só viam o lado terrorista. Este aspeto ezistiu, é facto, nas nossas ideias como eziste e tem ezistido sempre em toda a ideia nova que

nifestado. E se assim é, não são merecedoras de estudo e aceitação as nossas ideias? Sem duvida.

Assim se compreende a espantosa divulgação que as teorias anarquistas teem tido. Apesar das destiñções, no ponto de vista economico, em individualistas, comunistas, coletivistas etc., no ponto de vista politico a sua característica é comum: a abolição completa da autoridade que se encontra distribuída pelos seus variados organismos como o Estado, Majistratura, Ezercito, etc.

Pela sua critica, as doutrinas anarquistas lançaram por terra os baluartes que teem aguentado essa autoridade.

Em Portugal, não nos deve-

dia de 8 horas. Trad. franceza da bibliot. Estudos Sociais, Porto 1909. — *Carta a Pio VII*, Taylerand, da bibliot. Estudos Sociais 3.^a edi. 1901. — *A união dos Sindicatos e a anarquia*, Peloutier, da Brochura Social, Lx.^a 1913. — *A confederação geral do Trabalho*, Delesalle, bibliot. da Sementeira, Lx.^a 1909. — *A revolução burguesa e revolução social*, José do Vale, da bibliot. Sociológica Lx.^a 1911. — *A anarquia*, Malatesta, Lx.^a 1898. — *O sindicalismo*, L. Fabri, bibliot. Arquivo Social, Lx.^a (sem data). — *A burguesia e o proletariado*, Prat, bibliot. Arquivo Social, Lx.^a 1912. — *Aos camponeses*, Mela, bibliot. da Sementeira, Lx.^a 1910. — *Almanach Cosmopolita* 1900. — *A canalha*. Um de nós, Porto 1904. — *Comunismo e anarquia*, Cafiero, bibliot. do grupo Germinal, Lx.^a 1911. — *A utopia governamental*, grupo de Estudos Sociais Lx.^a 1894.

De Afonso Manaças:

A anarquia perante os tribunais, Gori, bibliot. Estudos Sociais, Lx.^a 1903. — *A greve geral*, E. R. S. T. Porto 1906. — *Educação e autoridade paternal*, A. Girard, do Grupo Juventude consciente, Lx.^a 1904. — *Como não ser anarquista?* José Chueca, da «Guerra Social Lx.^a 1908. — *Propaganda e critica*, bibliot. da «Vida» Porto 1906. — *Nova Crença*, Campos Lima, Coimbra 1901. — *Mocidade, vivei!* Quartim, Lx.^a 1907. — *O governo revolucionario e os direitos políticos*, Krop, do Grupo Ação Direta Lx.^a 1908. — *A sociedade futura*, E. Darnaud, bibliot. *Primeiro de Maio*, Coimbra 1891. — *A propriedade e o socialismo*, Lisle, grupo Ação Direta, Lx.^a 1906. — *A questão social*, Campos Lima, Coimbra 1906. — *Os Martires do Porvir*, bibliot. do Grupo Revolução Social, Porto 1893. — *Da propriedade*, E. Maia, Lx.^a 1873. — *11 de Nov. de 1887*, bibliot. Emancipadora d'Estudos sociológicos, Porto 1896. *A anarquia na Evolução Socialista*, Krop, Porto 1887. — *Um século de expectativa*, Krop, da bibliot. revolucionaria, Porto 1904. — *O dogma e a ciencia*, Janvion da bibliot. Sociológica, 1902.

De Pinto Quartim:

Vitimas da Guerra! (esboço dum conto antimilitarista) por Pinto Quartim, Lisboa 1906. — *Mocidade, vivei!* por Pinto Quartim, Lisboa 1907. — *O Protesto*, coleção completa: 1.^a e 2.^a séries dos n.^{os} 1 (1.^a e 2.^a edição) a 23; 1908-1909 — Lisboa. — *Amanhã* Revista popular de orientação racional Serie completa dos n.^{os} 1 a 6, Lisboa 1903. — *Guerra Social* Ex-jornal «O Protesto», coleção completa dos n.^{os} 1 a 11, Lisboa 1909. — *Declaração de Guerra* (dillo japonês de Carlos Malato versão em prosa e verso de Anjelo Jorje) publicação do jornal «O Protesto». — *Libertas!* panfleto em verso de Anjelo Jorje com uma alegoria de Cristiano de Carvalho e uma silhueta por Fernandes da Silva. Edição do jornal «O Protesto», 1908. — *Como não ser anarquista?* De José Chueca tradução de P. Q., Publicações da Guerra Social, 1908.

Espediente

AOS AJENTES

Aos nossos agentes pedimos o favor de liquidarem imediatamente as suas contas relativas aos meses de maio devendo enviar-nos as sobras que deverão trazer o endereço e o nome de quem as remete e a localidade de onde são enviadas.

AOS ASSINANTES

Quem simpatisar com «A Terra Livre» achando util a sua publicação regular, não deve esperar que se lhe envie o recibo de cobrança. Para não nos sobrecarregar com trabalho e ocasionar despesas inúteis de correio, deve enviar esta administração, com a maior brevidade, a importância da sua assinatura, afim de não dificultar a existência desta publicação.

Guanabaras

RIO DE JANEIRO, 1 de Maio.

Aqui também se festeja o *Primeiro de Maio*. Talvez até dum modo mais original que noutra qualquer parte. . Porque aqui o governo tem participação directa em tais festejos. Parece que ainda nisto a Europa terá, mais uma vez, de curvar-se ante o Brasil... Sériamente. E não admira. Este Brasil é bem o estupendo... o inconcebível Brasil...

Ouvi... Contar-vos-ei como passou o dia de hoje nesta mui asfaltada cidade. Foi um dia de gloriosíssimas mistificações. Das mais desabaladas mistificações. Ouvi...

O programa comemorativo da *Festa do Trabalho* foi organizado pela «Confederação Brasileira do Trabalho» (ou do Bandalho... Pinto Machado). Um programa de arromba... Primeiro, uma passeata á *Vila Proletaria Marechal Hermes*. Este numero do programa foi absolutamente assombroso... Lêde o que noticiou um jornal, no dia seguinte:... «o sr. presidente da Republica, acompanhado por todos os presentes ás ceremonias, dirigiu-se ao edificio que tem por letreiro *Prefeitura*, onde lhe foi servido um suculento *lunch*». Mais: «Ao champanhe, trocaram-se inumeros brindes...» E mais:... «o sr. marechal Hermes da Fonseca pronunciou um breve discurso prometendo continuar a dar toda a sua atenção ás questões operarias.» Ainda: «Terminado o *lunch*, o sr. presidente da Republica foi muito aclamado pelos circunstantes.» Como vêdes, foi um numero cheio de circunstancias...

Houve também passeata pelo centro da cidade, com a classica parada ás portas da grande imprensa. Tudo isso condimentado com verborrajas transbordantes, e foguetões, e estandartes, e bandeiras nacionais, e bandas militares...

A' noite, sessão solene na séde da *cêbête*. Deu-se, aí, um incidente inesperado... Foi apoz a fanhoza discursiva do «tipografo, jornalista e filozof» (é testual...) e ex-anarquista Ulisses Martins. O camarada Edgard Lencuroth, de São Paulo, que estava presente, tomou a palavra e... dezançou toda a cambada. Os patifes embatucaram. Gaguejaram. E não disseram nada... Estavam conscienciosamente entupidos. Foi uma hecatombe...

Toda essa retumbante pagodeira, porém, não conseguiu abafar o rebôo revolucionario das hostes sindicalistas. A Federação Operaria preparou e realizou, com escelente ezito, um comicio publico no largo de S. Francisco. Afirmou-se, aí, o verdadeiro carácter do movi-

mento. Semeou-se largamente a boa semente da rebelião.

Varios sindicatos realizaram também, pela manhã, esplendidas sessões de propaganda. E á noite, na séde da Federação Operaria, foi aprovada uma enerjica moção de protesto contra a mistificação intentada pela meia duzia de desbriados picaretas que se abarracou naquela indécantissima arapuca da *cêbête* marechalicia...

Astrojildo Pereira.

Cronica internacional

NA RUSSIA

continua a repressão contra os partidos avançados e contra a imprensa dos mesmos. A pseudo-amnistia ha pouco concedida riscou certas penas e sentenças por «delito» de imprensa, mas em breve as perseguições levaram as coisas á situação anterior. As multas aos jornais são então uma linda fonte de rendimento: só em março renderam 8.600 rublos (para cima de 4:580\$000 réis). O jornal mais esfolado foi o *Den*, que pagou 500 rublos. Os jornais social-democráticos e operários sofrem uma chuva continua de multas e processos, ás vezes por artigos insignificantes, como por ezemplo: «A vida dum carteiro» e outro comemorando o atentado de Vera Zassulitch contra Trepoff em 31 de março de 1878, ambos do jornal *Lutch*.

Antes do movimento revolucionario de 1905-06, o hábito de ler jornais estava muito pouco espalhado entre o povo operário; depois, jornais avançados há que tem dezenas de milhares de leitores, caso novo e extraordinário na Rússia. E as perseguições não fazem senão tornar mais procurados esses jornais.

EM FRANÇA

faleceu há dias Paz Ferrer, filha do fundador da Escola Moderna. Foi vitimada pela tuberculose, eia que tantos aplausos conquistara representando a pobre tísica da *Dama das Camélias*.

Durante a trajédia de Montjuich, na qual seu pai cáfu vitima dum infame assassinato, a atitude de Paz Ferrer, imbuida de lialismo monárquico, não foi das mais simpáticas. Mas veiu a arrepender-se e a compreender a injustiça atroz que a deixara órfã.

Ultimamente residia em Fontainebleau, numa casa em frente da qual devia passar o cortejo de Afonso XIII. A policia, temendo qualquer coisa, intimou a pobre doente a sair dali. Paz Ferrer protestou e foi levada para o hospital gritando: «Abaixo Afonso XIII!» O abalo precipitou-lhe a morte.

— Faleceu também há pouco

o médico Eduardo Duchemin, conhecido nos meios libertários sob o nome de Michel Petit, autor de vários trabalhos, entre os quais o estudo *A Criança de Mama*, publicado nas nossas colunas. Era, como homem e como militante, de grande valor, sendo a sua morte prematura uma perda sensível para o anarquismo.

— A luta entre a reação militarista (uma das formas da reação burguesa) e o mundo novo em gestação prosegue com vigor e tenacidade, devendo terminar, mais cedo ou mais tarde, pela vitória das forças do progresso. O governo mostra intenção de dissolver a C. G. T., nada menos. Resultado certo: intensificação da luta e continuação da C. G. T. com o mesmo ou outro nome, sob qualquer forma, pública ou secreta.

O grande comicio de 25 de maio, no Pré-Saint-Gervais, com cerca de 200 mil manifestantes, foi um triunfo. E a revolta espontanea dos soldados por certo se manterá. Em 1905, a redução do serviço a 2 anos causou entusiasmo; agora, o restabelecimento dos três anos causa furor: é natural. Por mais que se doire a pilula, não ha meio de incutir no povo o amor da caserna.

Movimento libertario

ITALIA

Imprensa anarquista. — Em Roma apareceu, no 1.^o de maio, um novo semanário anarquista *Il Pensiero Anarchico*, do qual já recebemos os 5 primeiros números. De bello aspeto material, saí á quinta feira e conta com a colaboração de militantes experimentados e estimados, como Ceccarelli, Recchi, Monticelli, Salvetti, etc. O seu endereço é: Casella postale, 276, Roma. Assinatura anual: 6 francos,

No próximo dia 8 aparecerá em Ancona outro semanário, *La Volontà*, que é desde já anciosamente esperado. Tendo como redatôr principal Errico Malatesta, *La Volontà* será o renascimento do saudoso jornal *L'Agitazione*, que Malatesta redijiu em 1897-98 na mesma cidade, até ao famoso processo motivado pela ajitação contra a carestia da vida. Endereço: Via Giordano Bruno, 3, Ancona. O preço da assinatura anual deve ser, como de costume, 6 liras (ou francos), para o exterior.

ESPANHA

Imprensa anarquista e sindicalista. — *El Libertario*, obrigado a abandonar Gijon, em virtude das incessantes perseguições ali sofridas, reapareceu em Madrid com o nome de *Acción Libertaria*, (calle Florida, 14, bajo). A mudança de nome não implica mudança de orientação, para o bem redijido semanário anarquista.

Reapareceu igualmente, em Barcelona, o órgão da Confederação Regional do Trabalho da Catalunha, *Solidaridad Obrera* (Calle Poniente, 24, 2.^o, Barcelona). Apresenta-se muito bem, inserindo interessantes artigos doutrinaes de Anselmo Lourenzo, André Cuadros e outros, e tratando desenvolvadamente do movimento grévista e sindical.

Havia gréves de tipógrafos, serralheiros, sapateiros e carpinteiros em Barcelona de pedreiros em Lloret de Mar.

CARESTIA DA VIDA

Questão do pão

Já ficou demonstrado que a lei dos cereais é prejudicial ao publico e facil será demonstrar que ela tambem pouco aproveita á lavoura, porquanto só os grandes lavradores conseguem colocar o seu trigo pelo preço da tabela. Demais, já o dissemos, o lavrador que produz, aquele que se agarra ao rabelo do arado, esse não aproveita: perde!

E perde porque o açambarcador, ao fazer negocio, arranja mil dificuldades: é o *pêso específico*, é a impurêsa, o fôle, tudo serve para atemorizar o produtor e deixar que o tosquiem.

Realmente o *pêso específico* só serve para melhor se poder tirar a camiza ao desgraçado que moureja nas cearas. No geral, o trigo é todo medido nas fabricas, que com rarissimas escécões o recebem a pêso; mas, depois de medido voltam a medir, reparando a medida o mais que podem, para tirar o tal *pêso específico*, que vai determinar o preço do alqueire. Ora, se de 100 litros conseguem fazer a medida a dar menos 2 quilos que o pêso real do trigo, o que é facil, já aí nós temos trinta e tantos ou quarenta réis a menos em cada 13.^{as}8.

E isto não é coisa que se dê acidentalmente: dá-se sempre, a ponto dalguns fazerem transportar o seu trigo das fabricas ao Mercado de Produtos Agriculas para lho medirem e pesárem e assim se determinar o preço porque o moajeiro o deve pagar.

O *pêso específico* é, pois, a chave falsa com que muitos conseguem entrar nas aljibeiras alheias. Prescinda-se disto e nem por isso, o lavrador será prejudicado.

Dirão que assim o lavrador não cuidará da qualidade do trigo que deita para a terra e só teremos trigos inferiores. Mas não é tal, porque se um lavrador apresenta uma qualidade de trigo inferior e que lhe pesa menos, vai sentir a diferença na totalidade, exemplo:

Trigo de 74 quilos por 100 litros dá, a 64 réis	4\$736
Trigo de 77 quilos por 100 litros dá, a 64 réis	4\$928

Temos, pois, uma diferença de 192 réis em cada saca que não é para despesar.

Dirão outros que esses preços são baixos com relação ás despesas que se fazem com o amanho das terras e a sua renda.

Não o são; porque trigo que dê em média 77 quilos por 100 litros, e vendido tambem em média a 60 réis o quilo, dá por 100 litros 4\$620 réis o que equivale a 636 réis o alqueire. Mas mesmo que esse preço

fosse muito baixo e o trigo não se podesse vender no país por menos do dobro do que custa o estrangeiro posto aqui, isso seria rasão suficiente para fazer o povo pagar essas diferenças?

Então, se o lavrador arrenda hoje as terras pelo dobro ou tripulo do que dava aqui ha dez anos, o povo é que lhe ha-de pagar o capricho?

Vamos, senhores, confessem que não!

J. C.

Os deserdados

V

Não consiste a liberdade em não dominar este mas sim aquêle: a liberdade consiste em que nenhum domine.

Lamennais.

Injenuos ou maus, julgando destruír as nössas doutrinas, uns; pondo em duvida a sua realidade num periodo de tempo mais ou menos longo, outros, inquirem ou bérram como posséssos: "Como é possível uma sociedade humana sem leis nem governos? quem fará respeitar a integridade das pessoas e das coisas?"

Leis, governos, penitenciarías, policías, soldados, fogueiras, patibulos, deus, o diabo, são entidades impotentes para evitar os casos de delinquencia proprios da paixão acicatada pelo determinismo das condições mesolójicas.

Passe-se a vista pelas obras dos antropolojistas, dos criminalistas, dos deterministas, e ver-se-á, sem a minima dificuldade que não ha efeito sem causa e que leis e autoridades, longe de diminuir os crimes, aumentam-nos; e mais duma vez, muitas vezes mesmo, a policia ná ansia de figurar na imprensa de grande circulação, inventa *complots*, pavorozas, bombas e criminózos.

Eis para o que serve a lei e a autoridade, que se integram uma na outra, procurando esta *crimínos* que aquêla apanha nas suas malhas elásticas e indica aos juizes togados e não togados, de facto e de direito, as disposições em que o delinquente está incurso. Prevalêce, porem, em geral, a razão do mais forte e nunca do que mais justiça tem a julgar que não a ser julgado: condena-se pelo efeito, em nome da *ordem social*; e em nome da ordem social, desprezam-se as causas, que noventa e nove vezes em cem casos, determinariam a absolvição do acusado.

Na sociedade anarquista a delinquencia diminuirá sensivelmente, porque desaparecem os seus principais fautores. O homem dignificar-se-á desde que não precisa de alugar o seu corpo a outro homem. Afóra os "casos naturais", pois não se podem evitar atentas as imutaveis leis que rejem a natureza,

os poucos casos de desinteliencia que se dérem, serão imediatamente harmonizados como ainda hoje sucêde entre os povos que vivem alheios ás leis dos seus semelhantes.

Naquêles casos naturais, incluímos, por ezemplo, os doídos, irresponsaveis pelos seus atos, e que em dados momentos podem cometer "crimes", sem que se possam evitar. Este caso patolójico, estudar-se-á a fim de que se dê o menor numero de vezes possível; mas o seu autor jamais será punido materialmente para que se não cometa um maior delíto. A luta entre os homens será simplesmente a do trabalho e a da ciencia, no intuito de dominar os impetos da natureza.

Quando pensamos na sociedade futura e mentalmente idializamos o seu funcionamento, cheios de dôr reconhecemos que é improprio chamar civilizada á sociedade atual, tal é a monstruosidade dos seus crimes.

A luta de egoísticos interesses, de declarado antagonismo, dá-lhe um aspéto sinistro! E' um absurdo reclamar, dentro dêste oceano de desigualdades, uma parcêla minima de amôr, de solidariedade e de bem estar: o homem, pela condição do meio social, tornou-se mau, hipocrita, gananciozo, sórdido.

O filho do pobre é submetido á iniqua e brutal obediencia passiva durante a vida: primeiro os pais ministrando-lhe a mesma educação que recebiam ancestralmente — os preceitos relijiosos, éssa péste que os padres, em beneficio proprio, inocularam na alma injenua do povo, envenenando-a; depois o padre a catequizar, prégando odio aos sabios, apresentando-os como homens escomungados que têm contrátos com o diabo, e que não só êles serão consumidos pelo fôgo eterno, mas tambem todos aquêles que os escutem. Depois o militarismo, a cazérna, os cantos estridulos dos hinos patrióticos, aniquilam-os, tornam-os uns automatos; e é nesta atmosfera viciada e deletéria que os filhos do povo, os produtores de todas as riquezas naturais e sociais, se tornam escravos, se deixam morrer de fome, sem um queixume, sem um grito de revolta contra tanta tirania.

Gulpilhares, 1913.

Manuel Luiz da Costa Junior.

A BOMBA ESPLOSIVA



Depoimentos de diversos revolucionários

(28 de 1 de 1908 a 5 de 10 de 1910)

Compilados por

(2) JOSÉ MARIA NUNES

PREÇO 300 RÉIS

Iniciativa da "TERRA LIVRE,

O Teatro Social

Terra Livre realizará, em principios de Julho, num dos melhores Teatros de Lisboa, um espetáculo com peças de intuits sociais.

O grupo editor da Terra Livre não limita a sua ação de propaganda anarquista apenas á publicação do semanário. Tem já editado outras publicações e outras irá publicando. Assim editou já uma coleção de postais ilustrados com pensamentos anarquistas, e um folheto, *Geórgicas*, cuja edição de 5000 exemplares se encontra já esgotada.

Este êxito pouco vulgar em um mez, animou o grupo a proseguir nas edições de publicações. E ainda este mez deverão sair mais 2 folhetos: um de Emilio Costa: *Escola para operários*, e outro sobre *neo maltusianismo*, por Gaspar dos Santos. Ambos os oriijinaes temos em nosso poder, devendo o primeiro entrar no prelo na semana próxima.

Alem disso Terra Livre procurando auciliar ou tomar a iniciativa de quaisquer empreendimentos que concorram para o progresso das ideias, para o desenvolvimento da propagação e para a difussão do nosso credo, lançou a ideia da organização duma esposição de bibliografia anarquista portuguesa que pelas adesões que temos recebido, parece ter sido bem acolhida.

Terra Livre, tem, enfim delijenciado, e continuará delijenciando, por todos os meios, interessar individualmente os seus leitores promovendo inqueritos e abrindo amplamente as suas colunas á colaboração de todos os seus leitores que lhe tragam o subsidio duma ideia nova e oriijinal.

Ora o Teatro não podia passar despercebido a Terra Livre, sendo, como é, um escelente meio de propaganda.

E assim, estamos trabalhando por poder levar a efeito nos principios do mez de Julho um magnifico espetáculo, quasi gratuito, num dos melhores teatros de Lisboa, com peças de ideias, oriijinaes portuzgueses ou espressamente traduzidas para esta recita, e que serão desempenhadas pelos nossos melhores amadores dramaticos.

Soma e segue . . .

O que se passa em Coruche

Como os camaradas sabem, foi ha tempo encerrada, por ordem das respetivas autoridades, a associação dos Trabalhadores Rurais de Coruche, tendo sucedido o mesmo á cooperativa operaria ali organizada.

Desconhecem-se, em absoluto, os motivos de tal violencia. O que se sabe, porém, pelo que se está passando naquela vila, é que as mesmas autoridades ainda se não julgam satisfeitas com a pratica de semelhantes atropelos.

O companheiro Quartel foi preso e conduzido, misteriosamente não se sabe para onde, sendo agora acusado pelos seus carrascos de ter feito um grande desfalque na referida associação.

Repugna-nos acreditar em tal. Mas, ainda que esse desfalque se haja dado, que tem a autoridade com isso?

Alguem solicitou os seus serviços?

O que se vê, da sua parte, no fim de tudo isto, é o decidido, o firme proposito de o

inutilisarem por todos os modos—ainda os mais baixos e infames.

A família do desgraçado já teria morrido de fome se não fosse o carinhoso auxílio que lhe tem prestado os seus e nossos companheiros.

Consta-nos que as autoridades locais pensam em processar a direção do último ano, por ter emprestado dinheiro à citada cooperativa. Mas não sabem esses tão estúpidos como ferozes agentes deste *liberalissimo* e *fraternal* governo que os estatutos da associação em referência claramente lhe permitem colocar os seus fundos onde muito bem lhe apeteça?

Como tudo isto nos enoja e revolta!

Madeleine Vernet

O AMOR LIVRE

(Conclusão)

Eu não ignoro que, á primeira leitura, a minha teoria sobre o amor vai parecer imoral a muitas pessoas. Certamente dentre essas, algumas haverá que verão nela a consagração do deboche, a legitimidade da libertinagem, o principio de todas as degradações.

Mas, querendo raciocinar um pouco, e profundar a questão, por certo que concordarão comigo em que o amor livre, longe de ser uma fonte de imoralidade, será o regulador natural da moralidade.

E mesmo, o que é a imoralidade? Para a definir convem desembaraçar-se do atavismo que nos faz considerar como lei natural o que não passa de simples convenções sociais.

Quanto a mim, a imoralidade é tudo que é contrario á natureza; é tudo que estranhe o individuo a sair das regras naturais da vida para o subjugar a regras puramente convencionais; é tudo o que entrava a livre expansão do homem em nome de considerações sem valor para quem as quer profundar com consciencia.

A imoralidade é a prostituição legal ou não; é o celibato forçado da mulher; é a venda do corpo feminino; é a submissão da esposa; é a mentira do marido para aquela que deixou de amar.

Mas o amor livre não pode ser imoralidade, pois que ele é uma lei natural; o desejo sexual não pode ser uma imoralidade, pois que ele é uma natural necessidade da nossa vida física.

Se a necessidade sexual é imoralidade, nada mais nos resta senão chamar imoralidade á fome, ao somno, numa palavra, a todos os fenómenos fisiológicos que rejeitam o corpo humano.

Se pensarmos nos nossos

costumes atuais, que fonte de imoralidade aí se não descobre? Casamento sem amor onde o homem compra um dote e a mulher uma situação; adulterios da esposa e do marido; estupros de toda a qualidade; vendas carnis; mentiras de sentimentos; mentiras da carne e do cerebro; contratos diversos oferecendo o ignorante ao velho debochado, e a pobreza ao explorador que especula com a sua fome.

Se o amor livre acaba por ser regra, não poderá com certeza haver mais imoralidade do que ha. Admitindo que a situação não muda senão no fundo, ela terá ao menos o merito da franqueza quanto á forma.

Mas eu estou convencida que o amor livre será a liberdade moral dos individuos, porque ele libertará os secos dos constrangimentos físicos.

Porque dizer que o individuo livre seria imoral? Não ha imoralidade entre os animais livres. Estes não conhecem nenhuma das desordens físicas que são o apanajo do homem, precisamente porque eles não se sujeitam a nenhuma outra lei senão á lei natural. O que cria a imoralidade é a mentira forçada do homem para com os outros e para com ele proprio; e o amor livre, libertando o homem da mentira, porá fim á desordem, aos desregramentos, ao deboche. Quando o homem for completamente livre, quando ele estiver rejenerado por uma educação melhor, encontrará nele proprio o equilibrio natural das suas faculdades físicas e morais, e acabará por ser um ente normal e são.

Demais, nós possuímos um sentimento de instinto que vela por nós; o sentimento da conservação. Quando não temos mais fome, não comemos mais porque temos a intuição dos inconvenientes que daí poderiam resultar; quando estamos fatigados nós temos o bom senso de descansar; quando o sono nos queima as palpebras, temos a convicção de que precisamos dormir.

Da mesma forma nós encontramos o regulador natural da nossa vida sexual no proprio esgotamento sexual.

O animal obedece a este sentimento de conservação; porque razão pois o homem livre lhe será inferior? Eu não quereria fazer á especie humana a injuria de me reunir a esta última hipotese.

Não, o desenvolvimento integral do ente livre não pertenceria á imoralidade. O que é verdadeiramente imoral é falsear as consciencias, falseando as verdades fundamentais da natureza; é impedir o individuo de viver sãmente e fortemente em nome de dogmas, de leis, de convenções contrarias á harmonia e á beleza da vida.

A Propaganda

Organização anarquista

Escola «A Florescente» — Os grupos libertários *Povo Livre* e *Ação Direta*, fundindo-se num grupo escolar, a que deram o nome de *Amor e Ciência*, acabam de levar a efeito a fundação duma escola—*A Florescente*. Pedem o auxílio moral e material de todos os bons amigos da instrução, A

nova escola está provisoriamente instalada na rua Infante D. Enrique, n.º 24, 1.º

Mocidade Libertária.—Acaba de se fundar, em Almodovar, um grupo que se denomina *Mocidade Libertária*, e que se destina a fazer a máxima propaganda entre os trabalhadores rurais.

Agradecem todos os folhetos e manifestos que para distribuição gratuita lhes possam ser enviados pelos grupos anarquistas.

Acaba do aparecer:

ERRICO MALATESTA

Entre camponezes

Propaganda socialista-anarquista

Tradução portuguesa (única conforme o original italiano) de Neno Vasco

64 paginas — Preço 50 réis

Deposito: **Terra Livre** para onde podem ser dirigidos todos os pedidos que serão prontamente satisfeitos, desde que os acompanhe a importância respectiva.

TERRA LIVRE

Semanário anarquista

(Publica-se ás quintas feiras)

Orgão de luta social e economica.—Tribuna amplamente aberta ás reivindicações dos trabalhadores.—Análise e comentarios dos factos capitais da vida social e politica portugueza.—Desenvolvimento noticioso do movimento operario internacional.—Desenhos e caricaturas demolidoras.—Concursos scientificos e inqueritos para o conhecimento do problema economico e social da rejião portugueza.—Correspondencia da provincia e do exterior.—Secções de ciencia, filosofia, arte, educação, literatura e critica.

Corpo redatorial:

Carlos Rates—Neno Vasco—Pinto Quartim—Sobral de Campos.

Colaboradores

Adolfo Lima—Afonso Manaças—Araujo Pereira—Aurelio Quintanilha—Bel-Adan—Campos Lima—Clemente Vieira dos Santos—Emilio Costa—Gaspar dos Santos—Humberto de Avelar—Ismael Pimentel—José Bacelar—José Benedy—José Carlos de Sousa—Manuel Ribeiro—Edmundo d'Oliveira e outros.

Condições d'assinatura

(Pagamento rigorosamente adiantado)

Para Portugal, Espanha, ilhas e colonias portuguezas

(Incluindo o importe do correio)

1 mês (só para o continente) 100

3 meses..... 300

6 meses..... 500

1 ano..... 1\$000

Numero avulso..... 20

Pacote de 50 exemplares (fora o porte do correio).. 500

Para o Brazil (moeda fraca)

(Incluindo o importe do correio)

6 meses..... 2\$400

1 ano..... 4\$800

Numero avulso..... 100

Pacote de 50 exemplares. 2\$500

Extérieur

Trois mois..... 2,50 fr.

Six mois..... 5 »

Um an..... 10 »

Prix du numéro..... 0,25 »

Não se satisfazem pedidos de assinaturas que não venham acompanhados da respectiva importância em *ordem postal* ou estampilhas continentais. Quando a cobrança tiver que ser feita pelo correio acresce a despesa correspondente.

Pedimos a todos os nossos leitores e amigos que façam a maior propaganda ao nosso jornal.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DAS GAVEAS, 55, 1.º

LISBOA

Ajentes aceitam-se onde ainda os não haja

«Terra Livre» encontra-se á venda nos principais quiosques e tabacarias

AVISO A nossa administração encontra-se aberta todos os dias uteis das 19 horas ás 22 e aos domingos das 13 ás 16